O Javali que Sacode a Lama:
Um tema específico na Varāha-kathā Do Grande Épico e dos Purāṇas

YAROSLAV VASSILKOV

Tradução em português por

Eleonora Meier

Em 2016.

Anos atrás, o professor Georgy A. Zograph, chefe do Departamento do Sul e Sudeste da Ásia do Instituto de Estudos Orientais, de São Petersburgo, aconselhou-me, então um estudante de pós-graduação com um grande interesse no *Mahābhārata*, a examinar alguns registros sobre mitologia indiana tribal não-ariana contida nos livros sobre línguas e folclore indiano (como *Linguistic Survey of India* etc.) na biblioteca do Departamento. Eu, naquele momento, não consegui ver de que maneira aqueles mitos primitivos de comunidades tribais poderiam ser úteis para os meus estudos sobre o épico sânscrito. Desde então eu tive muitas oportunidades de confirmar a sabedoria da palavra de aconselhamento do meu professor.[1] No presente artigo, eu darei mais um exemplo para demonstrar que examinar as mitologias do mundo tribal indiano pode às vezes lançar luz sobre temas obscuros nos mitos épicos e purânicos.

O ponto de partida para este estudo foi fornecido por uma versão da *Varāha-kathā* no *Viṣṇupurāṇa*, *adhyāya* [capítulo] 4 do seu primeiro livro. Ele descreve o despertar de Brahmā Prajāpati (aqui considerado como uma forma de Nārāyaṇa) no final do *pralaya:* o deus vê que a Terra desapareceu sob as águas. Ele toma a forma de um animal "anfíbio", o javali,[2] e mergulha no oceano.

É aqui que nós encontramos um tema incomum e estranho. Quando o Javali divino, depois de seu mergulho cosmogônico, saiu para a superfície, com a Terra em suas presas, as águas, atingidas pelo "vento de sua boca" (*mukhānila*), alcançaram o céu e lavaram / purificaram (*prakṣālayām āsa*) os grandes sábios que residem no Janaloka (a esfera dos homens santos). Os *munis*, dispersos pelo vento de sua respiração (*śvāsānila*), caíram do Janaloka. Quando o Javali se ergueu do oceano, com sua barriga molhada com água (*jalārdrakukṣi*), e começou a sacudir (*vidhunvat*) o seu "corpo escritural"

---

[1] Particularmente, a familiaridade com alguns mitos tribais e rituais demonstrou ser útil para o estudo dos *gandharvas* e *apsarases* como classes de seres míticos na mitologia indiana; veja Vassilkov 1989-1990.

[2] Tradicionalmente, o javali era considerado como um animal de duas naturezas, pertencente tanto à terra quanto ao elemento água. Alguns Purāṇas explicam que para resgatar a Terra do fundo do oceano o deus teve que assumir a forma do javali como o animal que gosta de brincar na água (*Kūrmapurāṇa* 1.6.8; *Brahmāṇḍapurāṇa* 1.1.5.11).

(*vedamayaṃ śarīram*), eles encontraram abrigo entre as cerdas do animal *(Viṣṇu P.* 1.4.27-29).[3]

Há algo estranho na repetição variável do mesmo tema.[4] A razão para a repetição parece ser que o sentido original do episódio já era obscuro para os narradores purânicos. Os folcloristas sabem muito bem que, quando se trata de textos folclóricos, certa indistinção, falta de lógica e indefinição geralmente surgirá devido à incompreensão de um tema arcaico meio esquecido que pertencia a uma antiga tradição que tinha sido quase superada na época da composição do texto. Aparentemente, isso é precisamente o que nós temos em nossa passagem do *Viṣṇupurāṇa* 1.4.

Neste momento se começa a suspeitar que o tema do Javali sacudindo o seu corpo, expresso pelo verbo √dhū, talvez tenha tido muito mais importância e se referisse, de fato, ao ato principal de cosmogonia.

Essa conjectura é parcialmente confirmada por uma história do livro 12 (Śāntiparvan) do *Mahābhārata*: o seu *adhyāya* 333 [346] trata da origem dos três *piṇḍas* – bolos de arroz oferecidos às três gerações dos mortos (pais, avós e bisavós) nos ritos *śrāddha*. Tendo se erguido do oceano e tendo estabelecido a Terra em seu devido lugar, o Javali cujo corpo estava molhado e coberto de lama (*jalakardamaliptāṅga*), de repente sacudiu (*vidhūya sahasā*) três bolas de lama das suas presas, e realizou, com elas, como com os *piṇḍas*, o ritual *śrāddha* arquetípico (Mbh. 12.333.11-14) [Capítulo 346 da tradução em português]. O verbo-chave √dhū reaparece em 333.17 onde os *piṇḍas* são chamados de *daṃṣṭrābhyāṃ pravinirdhūtā* ('sacudidos das presas'). Como podemos ver, neste capítulo a ação de 'sacudir' (*vi-√dhū*) sem dúvida tem uma função criativa: 'sacudir a lama' é o modo no qual o elemento central do ritual *śrāddha* foi criado.

Isso nos dá motivos para crer que uma versão antiga da história do Javali deve ter existido anteriormente na Índia. Nessa versão o mergulhador divino criou a Terra precisamente por sacudir a lama de seu corpo molhado. É possível encontrar, no desenvolvimento histórico da *Varāha-kathā*, quaisquer vestígios dessa versão? Para responder a essa pergunta, vamos dar uma breve olhada retrospectiva na história do mito do Javali no sul da Ásia.

Todas as versões da *Varāha-kathā* seguintes ao *Viṣṇupurāṇa* representam a doutrina do avatar em sua forma clássica. Nelas, a ação de Viṣṇu na forma do Javali não é mais cosmogônica: a Terra tinha sido criada há muito tempo, mas depois foi roubada por um *asura* e escondida sob as águas. Viṣṇu aparece aqui não como o criador, mas como o guardião dos bons e o castigador dos maus (que é a sua função em todas as histórias clássicas dos avatares). É por isso que o evento central nas versões mais recentes do mito de Varāha não é o mergulho do Javali no oceano, mas a sua luta com o demônio que tinha roubado a Terra, o *asura* Hiraṇyākṣa.

A versão do *Viṣṇupurāṇa* é transicional: o Javali é aqui certamente já reinterpretado como um aspecto de Nārāyaṇa (Viṣṇu) e cumpre a sua função de guardião do universo, mas primeiro Nārāyaṇa toma a forma do antigo deus

---

[3] *Viṣṇupurāṇa* 2002. A palavra-chave *vidhunvat* 'sacudindo' nesta tradução é apresentada como 'tremendo' (p. 24: o Javali, que se ergueu, permanece 'tremendo'). [Veja a página 80 da minha tradução do *Viṣṇu Purāṇa* em português (2012)].

[4] Em primeiro lugar, os ventos e as águas voam em todas as direções no momento da subida do javali para fora do oceano, então, depois de sua ascensão, o mesmo acontece novamente quando o Javali começa a sacudir o seu corpo molhado.

criador Prajāpati-Brahmā (*Viṣṇu P.* 1.4.1-5) e só depois disso ele mergulha no oceano; o mito ainda mantém o seu significado de cosmogonia.

Nas versões épicas e purânicas anteriores ao *Viṣṇupurāṇa* (*Mārkaṇḍeyapurāṇa, Rāmāyaṇa*) o Javali é sempre identificado com Brahmā; nas Saṃhitās e Brāhmaṇas vêdicos ele é identificado com Prajāpati. Há também alguns motivos para crer que no final do período vêdico Prajāpati em sua "subida para uma posição superior" (Gonda 1986) se apropriou da função de uma divindade mais antiga, já conhecida no período vêdico - Varāha, o Javali, que trouxe a Terra para a superfície das águas. Deve-se notar que em um dos mais antigos textos vêdicos posteriores, a *Maitrāyaṇisaṃhita* da tradição do Yajurveda, esse Javali (chamado simplesmente de *ādivarāha*, o Javali Primevo) ainda não é identificado com Prajāpati. No *Śatapathabrāhmaṇa,* Varāha, (que parece ser no contexto idêntico a Prajāpati), leva o nome de Emūṣa, o que nos fornece um link para a mitologia do Javali no primeiro período vêdico.

No Ṛgveda (1.61.7; 8.69.14, 8.77.6, 10) Emuṣa é o nome do Javali demoníaco, o guardião dos bens dos *asuras*, com quem Indra e Viṣṇu lutam, (os "bens" dos *asuras* consistem de um rebanho de búfalos e *odana* - arroz cozido com leite). Eventualmente, Indra mata o Javali (*varāha*), perfurando a montanha, no outro lado da qual o inimigo estava escondido. Obviamente, a história reproduz o padrão e o tema bem conhecidos dos mitos de Indra que matou seus outros inimigos, Vṛtra e Vala. Em outra versão da história (da *Taittirīyasaṃhitā*), o javali guarda o tesouro dos *asuras* do outro lado de sete colinas. Indra perfura as colinas, assim como o corpo do Javali, com as folhas afiadas da grama *kuśa*, e então Viṣṇu, o deus do sacrifício, leva o corpo 'como um sacrifício' para os deuses. A maioria dos estudiosos vêdicos concorda que o nome do Javali (Emuṣa) utilizado nessa história é não-ariano e, muito provavelmente, austro-asiático (veja por exemplo Kuiper 1950: 17; Gonda 1954: 137 n.; Mayrhofer 1956-76, vol. 1: 128-129).

No entanto, na mesma tradição vêdica inicial o Javali aparece não só como o antagonista dos deuses, mas também como protagonista (o herói) do mito cosmogônico. Pode-se sugerir que esse é o significado da imagem do Javali no *Bhūmisūkta* do Atharvaveda (12.1.48): 'A Terra, encontrada pelo Javali (*varāheṇa*), se abre para (ou: torna-se expandida para, *vijihīte*), o porco selvagem (*sūkara* ... *mṛga*)'. Podemos encontrar versões estendidas do mesmo mito em alguns textos vêdicos posteriores (*Kāṭhakasaṃhitā, Kapiṣṭhalakathasaṃhita*, *Taittirīyasaṃhitā*): aqui Prajāpati, na forma de um javali, mergulha e traz do fundo do mar um pedaço de argila (*mṛd*), que se transforma na Terra (Prasad 1989: 6-7). No início, a Terra é pequena, como o focinho de um porco, mas então ela se abre, ou se torna maior / se expande 'para o Javali'.[5] É no contexto dessa versão que o *Śatapathabrāhmaṇa* apresenta o Javali, em

[5] O verbo *vijihīte* (√*hā* com o prefixo *vi*) é geralmente traduzido como 'se abre', 'se expande', mas o seu significado preciso está longe de ser claro ('O que o verbo *ví jihīte* significa precisamente?' - Gonda 1954: 137). O contexto (a Terra se abre / se expande para ou diante do Javali) nos permite, ao que parece, sugerir especificamente o significado de prontidão para a cópula. Lado a lado com o tema da expansão ou crescimento da Terra originalmente pequena na frente do Javali, nós encontramos nos textos vêdicos mais recentes (Saṃhitās e Brāhmaṇas) outro tema: a fecundação da Terra pelo Javali. De acordo com a *Taittirīyasaṃhitā* (7.1.5), depois que a Terra 'se estendeu' na frente do Javali, ele gerou nela os deuses, Vasus, Rudras e Ādityas (Prasad 1989: 7). O tema reaparece às vezes em versões purânicas muito posteriores (veja sua revisão em Gonda 1954: 141-143), mas lá a prole da união do Javali com a Terra normalmente é Naraka - o antagonista demoníaco de Kṛṣṇa.

seu papel de mergulhador da Terra, o nome de 'Emūṣa', e isso o conecta historicamente com o Javali demoníaco Emuṣa do Ṛgveda.

F. B. J. Kuiper estava convencido de que os arianos vêdicos tinham aplicado por engano o nome do Javali demoníaco não-ariano ao seu próprio Javali cosmogônico (= Prajāpati); de fato, ambos os animais mitológicos eram, segundo ele, totalmente diferentes (Kuiper 1950: 18). Esse ponto de vista foi criticado por Jan Gonda que acreditava que a utilização do mesmo nome em ambos os casos torna os dois mitos pelo menos conectados de alguma forma (Gonda 1954: 139). Segundo um autor mais recente, 'os personagens de ambos os mitos são os mesmos. Mas nenhuma relação definida entre as funções dos dois mitos foi estabelecida ainda' (Prasad 1989: 5-6). No entanto, a relação entre os dois 'mitos do Javali' pode se mostrar mais distintamente se levarmos em conta que o nome do Javali (ou o substantivo comum para 'javali') era conhecido dos arianos vêdicos sob muitas variantes (*emūṣa, emuśa, āmukha, vāmamuṣa, vāmamoṣa;* Prasad 1989: 5), e que na *Maitrāyaṇisaṃhita* o Javali Primevo não tem nome em absoluto e não é identificado com nenhum deus vêdico. Tudo isso não significa que o nome (ou substantivo) e o mito em si foram tomados pelos arianos de uma tradição étnica e linguística estrangeira? Neste caso, o mito do Javali Emuṣa como o inimigo dos deuses vêdicos e o mito do Javali como a forma do deus criador bramânico Prajāpati podem ser contrastados como duas diferentes tentativas de adaptação do mito estrangeiro, ou duas fases subsequentes do processo: primeiro, o deus estrangeiro é tomado em um contexto negativo, como um antagonista demoníaco dos deuses vêdicos, mas mais tarde o Javali (Emūṣa) aparece como o mergulhador cosmogônico reinterpretado como a encarnação do Prajāpati vêdico.

Deve-se notar que o javali (sânscrito: *varāha*; avéstico: *varāza*)[6] pode ter desempenhado um certo papel na mitologia dos indo-iranianos antes da migração ariana para a Índia. Ambos, os iranianos e os indianos vêdicos, adoravam o javali como a personificação da energia feroz, ímpeto e bravura temerária. Podemos citar em relação a isso as representações do javali na arte do complexo arqueológico báctrio-margiano, como a famosa maça de bronze na forma de um javali furioso (Amiet 1986, fig.171). Tanto na mitologia iraniana quanto vêdica alguns deuses tomam a forma de um javali para lutar com as forças do mal. Mas em nenhum lugar nos registros disponíveis da mitologia iraniana podemos encontrar qualquer vestígio do tema 'Javali como o mergulhador cosmogônico'. Isso nos dá algumas razões para sugerir que os arianos vêdicos fizeram o seu primeiro contato com esse tema na Índia, onde eles o receberam de uma base cultural local.

Nós podemos dizer com alguma precisão qual determinado substrato local (um dos muitos) poderia ter sido? Os materiais sobre a civilização do Vale do Indo (IVC) não nos ajudam: um javali nunca é encontrado entre as figuras de animais nos selos; os arqueólogos concordam que o porco ainda não era domesticado e não desempenhava nenhum papel na economia da civilização do Vale do Indo (Kenoyer 1998: 165). De acordo com M. Witzel (1999, fn. 4), a domesticação do porco 'parece ser um fenômeno oriental (portanto, munda?); compare (as palavras para) "porco" [nas línguas] mundas e sino-tibetanas e veja

[6] Ambas as palavras não podem ser etimologizadas com bases indo-iranianas ou indo-europeias e são consideradas pela maioria dos especialistas como palavras de origem desconhecida (veja Mayrhofer 1956-1976, vol. 3: 150).

o antigo culto do javali nas Ilhas Nicobar'.[7] Ao mesmo tempo, deve ser notado que etnólogos têm registado narrativas mitológicas sobre o Javali como o mergulhador da Terra entre os povos indianos tribais que falam tanto as línguas austro-asiáticas e quanto dravidianas. Uma breve revisão desses mitos dada a seguir é baseada principalmente no Catálogo de temas de mito e folclore da América e da Eurásia por Yu. E. Berezkin que contém no momento mais de 40.000 resumos de narrativas folclóricas (veja *ruthenia.ru/folklore/berezkin* - em russo).

Além da Índia o mito do animal mergulhador da Terra (Thompson tema A 812; Thompson 1955-1958) foi registrado em duas outras regiões do mundo: Sibéria e América do Norte. Nos mitos dos índios americanos o deus criador normalmente envia, um por um, vários animais para o fundo da água para encontrar alguma terra. Finalmente um deles (muitas vezes um castor, ou um rato almiscarado) volta com um pedaço de lama; o criador o utiliza, e então ele se expande para se tornar a Terra. Muito mais difundida é a variante em que o mergulhador da Terra é uma ave aquática (em algumas tradições indígenas americanas, entre os povos paleo-asiáticos do Norte da Sibéria, os fino-úgricos, alguns povos siberianos do Sul etc.).

Na Índia, entre as tribos indianas de língua não-ariana, algumas vezes encontramos versões com uma ave aquática (os gonds de língua dravidiana, os baigas de língua ariana). Mas especificamente indiana e totalmente desconhecida fora da Índia é a versão na qual o mergulhador da Terra aparece na imagem do Javali (os bondos austro-asiáticos, os koyas dravidianos, os gonds Maria de Chifre de Bisão [Bison Horn Maria] (Māḍiyā) etc.). No mito da tribo Didani de Orissa o deus criador não consegue encontrar nenhuma terra necessária para a criação de um novo mundo, mas finalmente encontra um pequeno pedaço de terra preso à cauda de um javali. Não há menção de mergulho, mas pode-se muito bem sugerir que essa é uma versão reduzida do mito e que havia uma versão anterior, completa, na qual o javali mergulhou e retornou com um pedaço de terra em sua cauda.

Verrier Elwin registrou entre os mundas em Orissa a história de um javali que trouxe um pouco de terra do fundo do oceano *em suas presas* - como no mito clássico hindu. Mas parece que a mais popular no mundo tribal indiano é a versão em que o Javali realiza a sua ação cosmogônica de uma forma muito específica. Ela pode nos dar uma pista para os estranhos temas do *Viṣṇupurāṇa*: o Javali mergulha até o fundo, rola na lama, então reaparece na superfície do oceano e se sacode violentamente. A lama de suas cerdas voa em todas as direções. Foi assim que a Terra foi criada.

Aqui está o mito dos koyas de língua dravidiana: houve o dilúvio, a Terra afundou nas águas, e para salvá-la a filha de Bhima saltou do céu na água, transformou-se em um javali que então rolou-se na lama do fundo do oceano, saiu da água e sacudiu a lama. No mito dos māḍiyās de chifre de bisão de língua dravidiana o tema do Javali como o mergulhador combina com um tema tipicamente austro-asiático do primeiro casal humano: irmão e irmã, que flutuam sobre as águas do dilúvio em uma abóbora oca. Eles não podem encontrar um pedaço de terra seca para viver. É por isso que Mahāprabhu, o deus, envia o

---

[7] Nós provavelmente devemos acrescentar que os kharia de língua munda do Leste da Índia adoravam Ghorea, o deus-javali (Gonda 1954: 135). Também é digno de nota que a origem da criação de suínos e cultivo de arroz foram traçados por estudos específicos ao centro de economia de produção do Sudeste Asiático, isto é, a pátria austro-asiática (Shnirelman 1989).

Javali para encontrar um pouco de terra sob as águas. O Javali rola na lama sobre as costas da grande tartaruga subaquática, então sai da água e sacode a lama. A lama voa em todas as direções e, em seguida, transforma-se na Terra.

Em uma história conhecida entre os bondos - o grupo étnico munda de Orissa - a parte inicial do mito do mergulhador da Terra contém o mesmo tema cosmogônico austro-asiático: 'Irmão e irmã flutuando em uma abóbora'. A fim de proporcionar-lhes um lugar para viver e meios de existência, Mahāprabhu enviou o Javali ao submundo (abaixo do mar), onde o animal roubou algumas sementes das sete árvores frutíferas pertencentes ao deus local, Kermo Deota, em seguida, rolou-se na lama, saiu para a superfície e sacudiu a lama violentamente. As gotas de lama caíram sobre as águas, secaram e finalmente se transformaram em terra.

À qual antiga tradição étnica específica o tema do 'javali mergulhador da Terra' pertencia originalmente é no momento difícil, e provavelmente impossível, dizer, porque numerosos temas mitológicos no Sul da Ásia adquiriram distribuição de área e características de área em tempos imemoriais. Elementos de muitas tradições, incluindo as bases arcaicas indo-arianas, dravidianas, austro-asiáticas e mais antigas há muito tempo se fundiram e formaram um tipo de liga.

Nós seríamos capazes de fazer uma sugestão razoável acerca de uma tradição étnica a partir da qual o tema do 'javali mergulhador' veio originalmente se houvesse alguns traços do tema em algum outro lugar, fora da Índia. Por exemplo, se houvesse alguns casos do aparecimento do tema no Sudeste Asiático e no Sul da China, isto é, na pátria austro-asiática, nós teríamos motivos suficientes para sugerir que o tema é de origem austro-asiática. Paralelos indo-europeus nos permitiriam dar prioridade à tradição indo-ariana, e uma descoberta do 'javali mergulhador', por exemplo, nas fontes escritas do antigo Elam nos levaria à sugestão de uma origem dravidiana, à luz da bem conhecida hipótese elamo-dravidiana. Mas, infelizmente, o tema do 'javali mergulhador' é único; ele nunca foi registrado em lugar nenhum fora da Índia.

O mesmo deve ser dito sobre um outro tema: a criação da Terra por sacudir a lama, barro ou sujeira do corpo. Mais uma vez, não podemos encontrá-lo em lugar nenhum fora da Índia. Conforme a impressionante base de dados de Yury Berezkin de temas narrativos populares há apenas uma exceção. No mito dos mansis (o povo tribal de língua ugriana da Sibéria Ocidental), uma ave aquática – o mergulhão - cria a Terra depois de mergulhar no oceano primevo e depois de trazer, do fundo, um pedaço de lama em seu bico. Mas em uma única versão de muitas o mergulhão faz isso por sacudir a lama de suas penas. Isso é suficiente para sugerir que os proto-indo-arianos pegaram o tema de seus vizinhos ugrianos nos Urais do Sul ou na região do Volga, e o trouxeram com eles para a sua nova casa indiana? Ou devemos sugerir que o tema foi trazido para a Índia pelos dravidianos, já que os especialistas continuam a considerar a possibilidade de contatos linguísticos e culturais urálicos-dravidianos muito antigos? Em minha opinião, o argumento não pode ser convincente em ambos os casos. O mergulhão é um mergulhador notório, e todo animal ou ave mergulhadora frequentemente se sacode imediatamente depois de sair da água. Consequentemente, o tema do mergulhador cosmogônico se sacudindo após o mergulho pode ter aparecido entre os mansis de forma independente. Ele foi simplesmente baseado em uma observação naturalística. Muito provavelmente,

a coincidência entre a única variante mansi do mito do mergulhador da Terra e o mito tribal indiano do javali mergulhador é devida ao puro acaso.

Se tivéssemos que escolher entre as tradições dravidiana, austro-asiática e indo-ariana em nossa busca por uma fonte mais plausível da história do Javali nas literaturas sânscritas vêdica e hindus, me parece que uma sugestão mais provável seria a prioridade da tradição austro-asiática. Com efeito, o nome Emūṣa não tem uma etimologia austro-asiática? O mito do javali mergulhador não aparece frequentemente em associação com outros temas cosmogônicos (como o "irmão e irmã em uma abóbora"), que são indubitavelmente austro-asiáticos? Esses fatos tornam altamente provável que os arianos vêdicos tenham recebido o mito do javali mergulhador da tradição das tribos indianas austro-asiáticas (de língua munda).[8]

Isso não significa, no entanto, que o próprio mito do javali é necessariamente de origem austro-asiática. A sua ausência na mitologia da pátria austro-asiática - Sudeste da Ásia - é um argumento muito forte contra isso. No presente estado de nosso conhecimento, parece mais provável que as tribos mundas (ou para-mundas, e talvez algumas tribos dravidianas também) herdaram elas mesmas esse mito de um substrato local mais antigo.

Agora, se voltarmos para as nossas versões épicas e purânicas da Varāha-kathā, nós devemos colocar e responder a mais uma pergunta. Como foi possível que os autores de tais textos hindus como o Mahābhārata e o Viṣṇupurāṇa - textos escritos na língua da elite cultural, sânscrito - de vez em quando reproduzissem (sem dúvida, inconscientemente) a história do Javali, o único tema que não está representado explicitamente em nenhum texto sânscrito conhecido por nós, mas obviamente estava representado na fonte da qual a tradição vêdica tirou a história do Javali - a mitologia de alguns grupos étnicos mundas, ou para-mundas, ou mesmo de uma base autóctone indiana pré-austro-asiática mais antiga? Como podemos explicar o fato de que um tema de uma origem estrangeira, quase completamente esquecido, reaparece persistentemente nos textos em sânscrito, sem a vontade dos autores e para a sua óbvia perplexidade?

Anteriormente, casos semelhantes às vezes eram explicados através do conceito sugerido pelo filólogo e filósofo russo Mikhail Bakhtin: a 'memória do gênero'. Mas este conceito nunca foi claramente definido; a mecânica do seu funcionamento nunca foi descrita; e em nosso caso, infelizmente, o conceito de 'memória do gênero' não funciona.

Muito recentemente, um projeto de pesquisa foi iniciado, que promete, assim parece, nos levar um dia à solução desse problema. Um grupo de estudiosos na Rússia (Yu. E. Berezkin de São Petersburgo, S. A. Borinskaya e A. V. Korotayev de Moscou, V. V. Napol'skikh de Izhevsk) deram início a um novo estudo desse mito em particular (o 'mito do mergulhador da Terra'). Infelizmente para nós eles usaram apenas as versões em que o mergulhador é uma ave aquática. O objetivo específico do estudo deles era deixar claro de que forma a distribuição geográfica do mito do 'mergulhador da Terra' se correlaciona com a propagação de 1. As linguagens familiares e 2. As características genéticas. Esta é a conclusão à qual eles chegaram, de acordo com o breve relatório preliminar que esse grupo publicou em 2005:

---

[8] A influência na direção oposta é muito menos provável. Como eu tenho tentado mostrar no presente trabalho, os dados dos mitos tribais nos permitem elucidar os temas obscuros nas versões vêdicas e hindus do mito do Javali, mas não o contrário.

> A correlação entre mitos e características genéticas é muito mais forte do que a correlação entre os mitos e idiomas. Em outras palavras, é mais fácil, no processo de desenvolvimento histórico, trocar uma língua antiga por uma nova do que se desfazer de velhos mitos cosmogônicos. (Berezkin et al 2005:. 205)

Isso significa que, se eu entendi corretamente, às vezes os herdeiros de determinadas linhas genéticas são capazes de reproduzir alguns temas da mitologia dos seus antepassados físicos distantes apesar do fato de que a sociedade já adotou uma nova língua e uma nova cultura.

No caso dos narradores épicos sânscritos e purânicos, podemos sugerir que os temas antigos esquecidos poderiam ser periodicamente reavivados em suas mentes como resultado de contatos ocasionais com tradições nas quais esses temas continuaram a existir. Mas nós podemos imaginar contatos culturais reais entre os autores bramânicos de textos como o Mokshadharmaparva e *Viṣṇupurāṇa*, e os membros das sociedades tribais mundas ou drávidas?

Parece-me que não houve uma única chance de uma possibilidade de tais contatos. Portanto, talvez fosse mais razoável assumir a mediação das tradições arcaicas (pré-clássicas) indo-arianas (tradições de aldeia, tradições folclóricas comuns) que continuaram a existir por séculos lado a lado com a altamente desenvolvida civilização sânscrita. É verdade que essas tradições populares arcaicas, ao terem contatos ocasionais com os povos tribais, poderiam ter tomado alguns mitos deles, e mais tarde, por sua vez, podem ter influenciado a grande tradição da literatura sânscrita. As ondas recorrentes do 'processo de se tornar ou tornar algo mais arcaico' constituem um fenômeno bem conhecido na história cultural da Índia vêdica e hindu.

REFERÊNCIAS

AMIET, P. 1986. *L'Age des échanges inter-iraniens, 3500–1700 avant J.-C.* Paris: Musée du Louvre.

BEREZKIN, Yu. E., S. A. BORINSKAYA, A. V. KOROTAYEV & V. V. NAPOL'SKIKH 2005. *Sravnitel'nyj analiz areal'nogo raspredeleniya mifologicheskikh motivov i geneticheskikh linij. VI kongress ehtnografov i antropologov Rossii. Tezisy*. St.-Peterburg: MAE RAN.

GONDA, Jan 1954. *Aspects of Early Viṣṇuism*. Utrecht: N. V. V. Oosthoek's Uitgevers Mij. [reprint: Delhi: Motilal Banarsidass,1993].

——— 1986. *Prajapati's Rise to Higher Rank*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company.

KENOYER, J. M. 1998. *Ancient Cities of the Indus Valley Civilization*. Oxford: Oxford University Press – American Institute of Pakistan Studies.

KUIPER, F. B. J. 1950. *An Austro-Asiatic Myth in the Rigveda* (Mededelingen der Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, N.S., Deel 13, No. 7). Amsterdam: N. V. Noord- Hollandsche Uitgevers Maatschappij.

MAYRHOFER, M. 1956–76. *Kurzgefasstes etymologisches Wörterbuch des Altindischen*. 3 vols. Heidelberg: Carl Winter-Universitätsverlag.

PRASAD, Maheshwari 1989. *Some Aspects of the Varāha-Kathā in Epics and Purāṇas*. Delhi: Pratibha Prakashan.

SHNIRELMAN, V. A. 1989. *Proiskhozhdeniye proizvodyashchego khozyajstva*. Moskva: Nauka.

THOMPSON, Stith 1955–58. *Motif-Index of Folk-Literature*. 6 vols. Copenhagen: Rosenkilde and Bagger.

VASSILKOV, Yaroslav 1989–90. Draupadī in the assembly-hall, Gandharva-husbands and the origin of the Gaṇikās. *Indologica Taurinensia* 15–16: 387–398.

ViP = *Viṣṇupurāṇa*. *Śrī Viṣṇupurāṇa: The Viṣṇu-Purāṇam (A System of Hindu Mythology and Tradition)*. Sanskrit text and English translation, with various notes derived from other texts, by H. H. Wilson, ed. and revised by K. L. Joshi. Delhi: Parimal Publications, 2002.

WITZEL, M. 1999. Substrate languages in Old Indo-Aryan (Ṛgveda, Middle and Late Vedic). *Electronic Journal of Vedic Studies* 5.1.